



Academia Nacional de Medicina

Av. General Justo, 365 – 7º andar - Centro - Rio de Janeiro - RJ

www.anm.org.br

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2024

Diretoria Biênio 2024-2025

Presidente

Eliete Bouskela

1º Vice-Presidente

Antonio Egídio Nardi

2º Vice-Presidente

Ronaldo Damião

Secretário Geral

Omar Lupi da Rosa Santos

1º Secretário

Mônica Roberto Gadelha

2º Secretário

José Hermógenes Rocco Suassuna

Tesoureiro

Henrique Murad

1º Tesoureiro

Rossano Kepler Alvim Fiorelli

Orador

Natalino Salgado Filho

Diretor de Biblioteca

Jayme Brandão de Marsillac

Diretor de Arquivo

Miguel Carlos Riella

Diretor de Museu

Arno von Buettner Ristow

Presidente da Seção de Medicina

José Galvão-Alves

Presidente da Seção de Cirurgia

José de Jesus Peixoto Camargo

Presidente da Seção de Ciências Aplicadas à Medicina

Walter Araújo Zin

Academia Nacional de Medicina – óvulos fecundados e aborto

O debate sobre o aborto frequentemente se concentra na interrupção de uma gravidez já estabelecida, mas pouco se fala sobre práticas comuns em clínicas de fertilização, como o descarte de embriões. Durante os procedimentos de fertilização in vitro, múltiplos óvulos são fertilizados para aumentar as chances de sucesso, mas nem todos são implantados no útero. Muitos desses embriões, que já passaram pela fecundação e, portanto, são vida em potencial, acabam sendo descartados, congelados indefinidamente ou utilizados para pesquisas científicas.

Se considerarmos que um óvulo fecundado já constitui uma vida em estágio inicial, o descarte de embriões nessas clínicas pode ser visto de forma semelhante ao ato do aborto. Ambos envolvem a interrupção de um processo natural de desenvolvimento. No entanto, a discussão sobre o descarte de embriões costuma receber menos atenção ou oposição moral, o que pode parecer incoerente para aqueles que se opõem fortemente ao aborto.

Portanto, se a defesa da vida desde a concepção é o argumento central contra o aborto, o mesmo deveria ser aplicado ao descarte de embriões em clínicas de fertilização. Isso revela uma complexidade ética que, em muitos casos, é ignorada no debate público, destacando a necessidade de uma análise mais profunda e equitativa dessas questões.

Eliete Bouskela

Presidente

Academia
Nacional de
Medicina

